

PROFGEO

***Mestrado Profissional em Ensino de
Geografia em Rede Nacional***



UFSM
Pró-Reitoria de
Graduação



2021

Segundo Callai (2013), muito embora os movimentos da educação para a conquista e o exercício da cidadania e, mais restritamente, da discursada Geografia crítica, o que se constata nas escolas é um exercício autoritário no que se trata do ensino da Geografia. Há todo um discurso da Geografia crítica, e práticas conservadoras e autoritárias no trato pedagógico; e um “conteúdo a ser passado”, com estreita ligação a uma geografia positivista, assentada em dicotomias supostamente superadas. Dentro desse contexto, assinale a alternativa que apresenta aspectos significativos que são percebidos na prática atual dos professores.

- (a) Os espaços são tratados em sua completude e analisados como variáveis e transitórios, levando-se em consideração as modificações observadas ao longo do tempo.
- (b) As aulas permitem aos alunos avançarem para além daquilo que já sabem e verem as novas possibilidades de gerarem novas indagações.
- (c) As análises são pensadas e executadas sem a preocupação em aprofundar o conhecimento empírico prévio do aluno, desconsiderando os contextos em que estão inseridas.
- (d) As análises populacionais ultrapassam a avaliação quantitativa e o discurso da desigualdade, além de evidenciar o movimento cotidiano dos homens historicamente situados.
- (e) O trabalho com mapas, nas aulas de Geografia, ultrapassa a visão estática dos fenômenos espaciais e permite visualizar a ação dos homens na busca de sua sobrevivência, na sua defesa, na sua conquista.

Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), a prática do professor muitas vezes é ordenada e racionalizada pelas instâncias técnicas e administrativas dos sistemas de ensino conferindo ao professor pouca autonomia sobre o que ensinar, como ensinar, como avaliar. Além disso, no Brasil observou-se durante décadas a formação precária deste profissional. Na superação dessa condição, as autoras apontam, entre outros elementos, a necessidade de formação como processo permanente e a pesquisa como elemento essencial na formação docente. A respeito da relação entre formação docente e pesquisa podemos afirmar que:

- (a) Diante da sua relevância, devemos entender que, no caso da profissão docente, a visão acadêmica deve ser invertida. Desta feita, a prática em sala de aula se torna mais relevante que a teoria.
- (b) De acordo com a tradição acadêmica, entende-se que somente a teoria pode orientar a prática docente. Sem a primeira, a segunda torna-se vazia.
- (c) Sua relevância está associada à concepção de professores reflexivos críticos estabelecendo assim, uma relação intrínseca entre a prática reflexiva e prática por ela orientada.
- (d) Diante da sua relevância, entende-se que a prática docente é um desdobramento natural da prática crítico-reflexiva.
- (e) Com toda a sua relevância, entende-se que o professor da escola básica não necessita pesquisar. Pois, há a necessidade de transmitir ou repassar o conhecimento científico de um modo que o aluno possa compreender.

Leia o texto a seguir:

Iara Vieira Guimarães (2017) em seu capítulo com o título "IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA" (pg. 144) aponta que (...) "As imagens são artefatos culturais e, nessa medida, seria oportuno que os professores de Geografia se mostrassem especialmente atentos aos objetos da cultura dos estudantes, às imagens que se apresentam nas roupas, nas capas dos cadernos, nas revistas que eles apreciam, nos filmes e nos programas de televisão a que assistem, aos sites que visitam e nos personagens públicos que cultuam. Essa observação é fundamental para nos aparelharmos, como docentes, para compreendermos melhor o estudante como espectador, como um sujeito que olha e interage com a cultura imagética (Guimarães, 2017: 144).

Em uma situação hipotética, o professor de Geografia tem a proposta de trabalhar com o filme "O Candidato Honesto" (2014), direção de Roberto Santucci (Fig. 1)

Figura 1.



Fonte:
[https://www.downtownfilmes.com.br/
 filmes-detalhes/o-candidato-honesto](https://www.downtownfilmes.com.br/filmes-detalhes/o-candidato-honesto)

Tendo em vista os objetos de cultura proposto por Guimarães (2017) e o filme "O Candidato Honesto" (2014), pode-se reconhecer que:

- Ⓐ O título proposto encontrará dificuldades em articular com os compromissos da educação geográfica, pois é uma produção da indústria cultural, organizada sob a lógica do consumo e do mercado.
- Ⓑ O título proposto tem pouca contribuição ao pensamento científico, pois em muitas situações, o docente encontrará dificuldades em trabalhar a diversidade de linguagem como filmes do gênero comédia, por ter ideias já estabelecidas, impediria o aluno de avaliar e criticar.
- Ⓒ O título proposto encontraria dificuldade de se ater à análise da realidade em decorrência da chamada convergência midiática onde imagens e roteiro produzidos, convida-os para pensar de forma infantilizada sobre a questão abordada.
- Ⓓ O título proposto não possibilita estabelecer relações com o pensamento geográfico, pois é um recurso midiático que leva em consideração a ficção e as experiências de entreter, sem compromisso de provocar reflexão.
- Ⓔ O título proposto é oportuno, pois como sátira, é uma das formas de linguagem que permite através desta manifestação (visual ou escrita) o questionamento dos costumes, das ideias contemporâneas ou instituições.

Os professores de Geografia sempre trabalharam de modo a demandar expressiva capacidade leitora dos estudantes, embora nunca tenham, explicitamente, se preocupado com a formação do leitor (Iara Vieira Guimarães, 2017: 136).

Como proposta de superação ao problema, a estratégia correta para a superação da preocupação apontada pela autora é:

- (a) Reforçar o uso dos livros didáticos, pois estes são informativos suficientes e funcionam como um veículo para a aquisição de conhecimentos e habilidades pelos alunos desta forma, apoiam educação geográfica escolar.
- (b) Desenvolver atividades do tipo leitura silenciosa, pois se constituiu um modo de ser, de estar no mundo. O leitor precisa ter atenção, aprender no silêncio, pois só assim conseguiria compreender o texto de forma mais aprofundada.
- (c) Trabalhar com a leitura nas diversas esferas da produção social do discurso, envolver diferentes gêneros textuais ao longo da escolaridade dos alunos, reforçando alternativas que busquem ultrapassar práticas ancoradas no desprazer, imposição e obrigatoriedade.
- (d) Estimular aulas desde o ensino fundamental em atividades que usem o instrumento básico do professor que é o texto escrito, pois é alardeado pela mídia e pelos analistas da educação sobre a capacidade leitora dos estudantes e a falência da escola na formação de leitores.
- (e) Possibilitar aos estudantes a compreensão da experiência humana no espaço através da leitura de livros tradicionais, investindo na questão da leitura e da formação de leitores. Essa é uma tarefa de toda a escola e das diferentes áreas do conhecimento.

A década de 1980 se destacou pela produção de livros didáticos e paradidáticos de melhor qualidade, assim como pesquisas sobre ensino e formação docente e pelo papel da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB - na promoção de encontros, a fim de produzir artigos sobre o ensino da Geografia. O objetivo das produções e dos debates, nessa época, consistia

- (a) na tentativa de descobrir meios para minimizar a compartmentalização dos conteúdos escolares e a distância entre o ensino da Geografia e a realidade social, política e econômica do país.
- (b) na elaboração de um documento nacional de referência para o ensino da Geografia, com orientações à docência, às atividades e ao conteúdo mínimo que deveria ser trabalhado na escola básica.
- (c) em difundir as possibilidades proporcionadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como as geotecnologias, a exemplo do Google Earth, para o ensino na Geografia Escolar.
- (d) na elaboração de uma proposta de mudança na estrutura do Ensino Médio, ampliando a carga horária e definindo uma nova organização curricular.
- (e) em colocar no centro das discussões a necessidade de fomentar a elaboração de uma Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que acompanhe os avanços do conhecimento e das lutas sociais.

Exemplificando com as orientações curriculares para o ensino fundamental da Secretaria Municipal de Educação de uma cidade hipotética no Brasil, no sexto ano há a previsão de se trabalhar com o conceito de lugar. Alargando o entendimento desse conceito para que este seja realmente operativo em consonância com os conceitos de escola e cotidiano, Callai (2013) aborda que:

- (a) Entende-se lugar pela perspectiva da escala social de análise na qual devemos entender que os fenômenos são localizados temporal e territorialmente. Portanto, estes devem ser contextualizados.
- (b) A dimensão do afeto, que justifica as ações que preservam os modos de vida ali localizados em atrito com a tendência homogeneizados do mundo informatizado, que deve ser considerada para o ensino a respeito do lugar.
- (c) Devemos entender o lugar como o resultado de ações internas, atores locais que se conferem uma singularidade.
- (d) O lugar deve ser estudado pela escala local, aquela que é mais inteligível, tendo como exemplos a casa, a rua, a escola, o bairro, a cidade.
- (e) Compreender que o conceito de lugar contém uma abstração que é difícil para a compreensão do aluno. De modo que, para torná-lo compreensível é necessário trabalhar só com a dimensão do afeto.

→ Anotações ←

UFSM

Leia o fragmento do texto a seguir:

"A perspectiva mais promissora parece ser a de que, ao formar leitores e espectadores, a educação geográfica tenha como compromisso a formação de autores, investindo no exercício do pensamento, da reflexão, do trabalho intelectual sobre as imagens, mas também na imaginação e na criação. Para isso, é necessário abandonar posições teóricas fechadas que, de modo rígido, evocam a separação entre os leitores e os textos e, também, entre o espectador e as imagens."

Fonte: (GUIMARÃES, V. I. *Imagens no ensino de Geografia*. In: NUNES, F. G.; NOVAES, I. F. *Encontros, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica*. Uberlândia: Assis Editora, 2017.)

Para que seja possível a realização do objetivo acima proposto, a educação geográfica deve ter como premissas/ objetivos e como procedimentos fundamentais, de acordo com Guimarães (2017):

- (a) A busca por uma ampla reeducação do olhar dos alunos, por meio do uso de novas tecnologias, com a finalidade de que se possa ler a realidade de forma crítica.
- (b) Uma profunda crítica ao modelo do leitor intertextos atual, visto ser este um dos males de uma sociedade hiper imagética, devendo ter como procedimento o retorno ao modelo de leitura do mundo baseado no texto escrito, em sua compreensão e interpretação.
- (c) A crítica ao modelo antigo de leitura da realidade e seus recursos, em favor de um novo centrado nas novas tecnologias de comunicação, especialmente as redes sociais, que progressivamente formam os novos leitores e seus olhares em relação ao mundo.
- (d) A premissa de que na realidade atual o caminho a seguir pelo professor de Geografia é muito menos linear que o usual, demandando como procedimento, entre outros, a apropriação e uso das linguagens e recursos dos próprios alunos e um esforço de leitura conjunta da realidade.
- (e) A ideia de que as formas atuais de comunicação em muito superam o modelo arcaico da educação, demandando do docente um esforço constante de atualização e treinamento para tais tecnologias, a fim de que possa dialogar com seus alunos e deles captar as muitas interpretações para as imagens do

→ Anotações ←

Avalie a figura a seguir:



Fonte: (Guayasamin, O. *Toro y condor*. Extraído de: <[Uma possível aproximação entre a arte e o ensino de Geografia ocorre, considerando Ferraz \(2017\):](https://br.pinterest.com/pin/309270699390103090/?amp_client_id=CLIENT_ID(_)&mweb_unauth_id={{default.session}}&url=https%3A%2Fwww.pinterest.com%2Famp%2Fpin%2F309270699390103090%2F&open_share=t> . Visto em março de 2021).</p>
</div>
<div data-bbox=)

- Ⓐ A partir do papel do professor como intérprete da obra de arte do ponto de vista espacial.
- Ⓑ Por meio das interpretações dos alunos de forma isolada, sem interferência do professor.
- Ⓒ A partir da exploração do potencial da obra em gerar questionamentos e desterritorializações.
- Ⓓ Usando uma interpretação objetiva dos elementos das imagens e de seus referenciais territoriais.
- Ⓔ Por meio do uso da imagem em contexto educacional, próprio da sala de aula, diferente da experiência tida em museus, por exemplo.

Em uma aula de Geografia para o sexto ano do ensino fundamental de uma escola hipotética no Brasil estava previsto trabalhar, de acordo com as orientações curriculares, o relevo e seus agentes formadores e modeladores. Durante a aula, um aluno desabafou com a professora:

"Professora, minha mãe diz que eu preciso estudar para que eu possa conseguir um emprego quando eu crescer. Mas professora, como eu vou lembrar de tanta coisa assim quando eu tiver mais idade? Quando eu for procurar emprego eu terei esquecido isso tudo!"

Tomando como exemplo este acontecimento real, os professores devem pensar o que ensinar e como ensinar. Para Callai (2013), esta reflexão vai na direção de se pensar quais são as bases que fundamentam o ensino e a aprendizagem de Geografia. Para a autora, as bases são a escola, o cotidiano e o lugar. Tomando tais termos como conceitos, pensando na escola e suas funções e atribuições na atualidade, podemos afirmar que:

- Ⓐ Dando atenção aos aspectos cognitivos, a escola deve se pautar nos padrões de transmissão e acumulação de informações.
- Ⓑ Diante da modernidade e do excesso de informações, a escola deve se preocupar com a formação de quadros de referência para processar a informação disponível.
- Ⓒ Diante da sociedade informatizada em que vivemos, a escola deve se preocupar em manter a tradição de transmitir o acúmulo de conhecimentos produzidos no decorrer do tempo.
- Ⓓ Diante das demandas atuais e tendo como função a formação para o trabalho, a escola deve propor uma educação pautada em conhecimentos científicos e práticos.
- Ⓔ Considerando as orientações curriculares locais, a escola deve cumprir com o que é proposto independente das peculiaridades de cada comunidade escolar

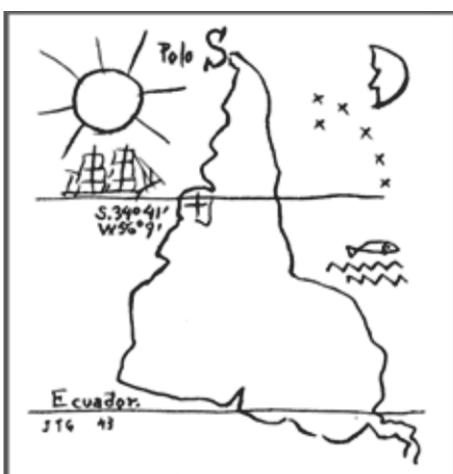
"A discussão contemporânea sobre conteúdos de ensino beneficia-se das reflexões, debates e produções sobre currículos escolares e sobre os condicionantes históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais em sua elaboração e adoção. Além de permitir a compreensão da relação sociedade-cultura-curriculum-práticas escolares e dos programas de ensino das disciplinas no passado, fundamenta melhor a análise dos currículos e programas de ensino atuais" (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p.61). Considerando a discussão feitas pelas autoras, especialmente no que diz respeito ao conjunto de condicionantes espaço-temporais que incidem sobre o currículo escolar; e as práticas curriculares que se materializam na Base Nacional Comum Curricular, é possível afirmar que o currículo em questão:

- a** Atua a partir dos processos de descentralização curricular, permitindo aos Estados, municípios e escolas exercerem uma autonomia na definição de objetivos de ensino e componentes curriculares a partir de suas demandas culturais;
- b** Reafirma o papel centralizador no Estado na política de currículo, com a definição de competências e habilidades comuns às diferentes realidades escolares brasileiras e com foco no mundo do trabalho e a formação de subjetividades neoliberais;
- c** Não atende aos interesses do mercado enquanto instância que atua não apenas na definição dos objetivos educacionais, como na capitalização da educação pública a partir da lógica neoliberal das políticas de Estado;
- d** Fomenta uma abordagem mais aprofundada das temáticas geográficas em função do foco disciplinar dado na abordagem de alguns conceitos (paisagem, região, território e lugar) na relação com as práticas culturais dos estudantes da Educação Básica.
- e** Destina uma fração maior do tempo escolar a aprendizagem de temáticas ligadas à realidade local dos estudantes da Educação Básica das diferentes regiões brasileiras;

Situação hipotética

Um professor em início de carreira chega a uma escola e logo vê nas mãos do outro professor de geografia a imagem de Joaquin Torres Garcia, denominada “SULEAR” (figura 1), como material que era usado em suas aulas. Curioso, o professor novato questiona sobre como se dava o uso daquele material em sala, considerando que os materiais didáticos estão relacionados com os conteúdos, objetivos e o desenvolvimento metodológico das aulas.

Figura 1 - “SULEAR”



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_Invertida#/media/Ficheiro:Joaqu%C3%ADn_Torres_Garc%C3%ADa_-_Am%C3%A9rica_Invertida.jpg, acesso em 22/09/2021

Trecho motivador 1

“Assim, ao trabalharmos com obras de arte e cartografia, como intercessoras umas das outras, estamos a situar possibilidades de criação no “entre” estes dois termos. Não se trata somente (mas também) de ver como a ciência cartográfica tem tratado a arte, e nem somente (mas também) como a arte tem se apropriado da linguagem cartográfica. Trata-se de investigar as conexões mútuas, ou então, as fertilizações cruzadas, que possam fazer arrastar ambas, permitindo-nos pensar na questão que nos é problemática: imagens cartográficas para as espacialidades da geografia contemporânea (...).”

Fonte: (GIRARDI, G. Arte e mapeamento ou como fazer um mapa arder? In: NUNES, F. G.; NOVAES, I. F. Encontros, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica. Uberlândia: Assis Editora, 2017)

Trecho motivador 2

“Arder” é (...) quando o mapeamento se torna cartografia, opera-se um bloqueio no sintoma, pois valoriza apenas o conhecimento (interrupção no caos). Limpa-se a cinza, apagam-se os braceiros, e a sobra do incêndio – o pedaço sobrevivente – é transformada em modelo.

Fonte: (GIRARDI, G. Arte e mapeamento ou como fazer um mapa arder? In: NUNES, F. G.; NOVAES, I. F. Encontros, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica. Uberlândia: Assis Editora, 2017)

Considerando a situação hipotética, a ilustração, os trechos motivacionais de Gisele Girardi (2017), redija um texto dissertativo sobre o tema: “As possibilidades de fazer um mapa arder em sala de aula”, no qual deverão ser abordados os seguintes aspectos:

Tamanho mínimo – 450 palavras

Máximo – 700 palavras.

- a) O uso adequado das normas ortográficas e elementos de coesão e coerência do texto (2,0 pontos);
 - b) A diferenciação entre os conceitos de mapa e mapeamento (2 pontos);
 - c) A associação do conceito “arder” da autora com as noções de saberes e conhecimento (2 pontos);
 - d) O diálogo entre o uso da imagem e o debate que autora levanta, a partir da situação hipotética apresentada (2 pontos);
 - e) A proposição de uma solução para a pergunta do professor novato (2 pontos);
-